

Subsunção do trabalho intelectual, automação e subemprego global: uma análise das transformações na divisão do trabalho a partir da EPC¹

Guilherme Bernardi²
Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR

RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar algumas das elaborações formuladas na dissertação *Informação, comunicação e crise do capital: as transformações na divisão do trabalho observadas a partir da Economia Política da Comunicação* (BERNARDI, 2022). Tendo como foco principal o trabalho e o subemprego global, neste artigo daremos particular atenção à relevância da categoria de “subsunção do trabalho intelectual”, tal qual apresentada por César Bolaño (2002), para a apreensão do atual estado do modo de produção capitalista. Além disso, apresentaremos a abordagem desenvolvida naquela pesquisa sobre as atuais discussões envolvendo a automação, o subemprego global (BENANAV, 2020) e as plataformas digitais (SRNICEK, 2016).

PALAVRAS-CHAVE: subsunção do trabalho intelectual; automação; subemprego; trabalho; trabalho cultural e comunicacional.

APRESENTAÇÃO

Como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em comunicação, a dissertação *Informação, comunicação e crise do capital: as transformações na divisão do trabalho observadas a partir da Economia Política da Comunicação* foi apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e defendida, virtualmente, no dia 18 de janeiro de 2022. Escrita por Guilherme Bernardi (2022), ela foi orientada por Manoel Dourado Bastos e a banca de defesa foi composta por Rodolfo Rorato Londero, também professor do programa, e Ruy Sardinha Lopes, professor da Universidade de São Paulo (USP).

Tendo por objetivo geral analisar a dinâmica da informação e da comunicação no atual estado do modo de produção capitalista e sua crise, o trabalho teve ainda outros

¹ Trabalho apresentado no GP de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre em Comunicação pela Universidade Estadual de Londrina. Jornalista do Sindiprol/Aduel - seção sindical do Andes-SN. Pesquisador do Laboratório CUBO - Economia Política da Comunicação e Crise do Capitalismo. Tesoureiro da Ulepcc-Brasil (2020-2022).

quatro objetivos específicos, que foram investigados a fim de se chegar ao argumento exposto ao longo de toda a dissertação. Foram eles: 1) aparar algumas arestas entre a Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura (EPC), a teoria do valor e a categoria de subsunção do trabalho intelectual; 2) compreender a imanência da crise, a especificidade da iniciada nos anos 1970 e a possível existência de germes socialistas no próprio capitalismo; 3) compreender a forma e as funções do Estado, assim como o meio através do qual a luta de classes pode pressioná-lo a atuar de maneira mais ou menos deletéria aos trabalhadores; e 4) apresentar uma abordagem do problema estrutural do mercado de trabalho global em termos do que Benanav (2020) classifica como o “subemprego” (*underemployment*) global, conjugando a automação e as plataformas digitais no debate.

A defesa da dissertação fechou um ciclo que havia se iniciado há quase quatro anos, em 2018, com uma pesquisa de iniciação científica, também sob orientação de Manoel Dourado Bastos, e o efetivo ingresso do autor no Laboratório CUBO – Economia Política da Comunicação e Crise do Capitalismo, que é liderado pelo referido professor. Naquele ano, ela foi apresentada na 41ª edição da Intercom, realizada na cidade de Joinville-SC, e tinha como objetivo principal compreender o debate ao redor da mercadoria-audiência (BOLAÑO, 2000) e o caráter produtivo ou não do usuário de redes sociais (BERNARDI, 2018a). Vale mencionar que a conclusão a qual chegamos nela é, basicamente, diametralmente oposta à apresentada na dissertação. Posteriormente, a pesquisa de iniciação científica compôs o trabalho de conclusão de curso de jornalismo, que foi defendido em dezembro do mesmo ano e tentava lidar, ainda que de maneira incipiente, com a crise global e a difícil (para não dizer impossível) solução em termos de regulação para o problema das grandes corporações de tecnologia e a eleição de políticos de extrema-direita, como a que havia há pouco acontecido no Brasil (BERNARDI, 2018b).

No mestrado, feito quase 2/3 de maneira remota, devido à pandemia da Covid-19, que vitimou, pelo menos, 676 mil pessoas somente no Brasil, o debate e o foco da pesquisa foram progressivamente se reconfigurando de acordo com o avançar dela própria. Tendo acumulado algumas discussões teóricas dentro do subcampo da EPC e outras sobre o histórico das hegemonias globais, o possível declínio da estadunidense e a ascensão chinesa, e sobre o debate alemão da derivação do Estado, a hipótese inicial formulada era de que a rápida introdução da automação seria a principal causa para o

estado do mercado de trabalho global, marcado pela baixa remuneração, pelas más condições de trabalho e pela alta instabilidade (BERNARDI, 2022).

Até a banca de qualificação, essa hipótese nos pareceu correta. Ao final, especialmente após a leitura do livro *Automation and the Future of Work* [Automação e o Futuro do Trabalho], de Aaron Benanav (2020), concluímos que ela deveria ser classificada apenas como “parcialmente verdadeira”, visto que devemos compreender que a automação, a substituição de trabalho vivo por morto, é uma tendência imanente ao próprio capital e que, se o atual estado do mercado de trabalho global poderia ser representado pelo “subemprego”, isso se deve à crise iniciada nos anos 1970 e à estagnação econômica, cujas implicações resultaram em respostas diversas e combinadas, como a contrarrevolução neoliberal, a desregulação financeira, a reestruturação produtiva do capital e uma cada vez maior sofisticação dos sistemas de informação e comunicação, seja para organizar e subordinar o trabalho ou para disputar os mercados e os lucros globais – algo que depende, é bem verdade, em certo sentido, do progressivo aumento da composição técnica do capital e de sua produtividade (BERNARDI, 2022).

Para chegar a tais elaborações, adotamos o referencial teórico da (crítica da) Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura (EPC) produzida no Brasil, em especial os trabalhos de César Bolaño (2000), Ruy Sardinha Lopes (2008), Verlane Aragão Santos (2007) e, mais recentemente, Manoel Dourado Bastos (2021). No trabalho, seguimos o método da crítica imanente, ou seja, buscamos, a partir das diversas contribuições, realizar uma crítica interna ao próprio objeto estudado e ao exposto pelos autores, a fim de encontrar uma explicação que considerássemos mais adequada para o problema que nos guiava, a saber, entender o papel da informação e da comunicação na crise do capitalismo e no subemprego global (BERNARDI, 2022).

Devido aos limites deste artigo, daremos maior atenção às elaborações apresentadas nos capítulos 1 e 4 da dissertação, destacando a relevância da categoria de “subsunção do trabalho intelectual” para compreender o atual estatuto do trabalho no modo de produção capitalista. Discussões sobre a crise dos anos 1970 e da hegemonia estadunidense, a possível superação dela por uma sino-asiática, os germes visíveis do socialismo e a forma e as funções do Estado ficarão, em larga medida, apenas implícitas, afinal, compuseram a totalidade do argumento exposto na dissertação, mas não serão detalhadas aqui. Assim, dividiremos este artigo em outras duas partes, além desta

apresentação, expondo, em cada uma delas, as principais questões elaboradas, respectivamente, no primeiro e no último capítulo dela.

A FUNDAMENTAL CATEGORIA DE SUBSUNÇÃO DO TRABALHO INTELECTUAL

Para a elaboração do capítulo inicial da dissertação, em um primeiro momento, foram revisadas as contribuições de autores como Isaak Rubin (1987) e Diane Elson (2015) para a adequada compreensão dos duplos caracteres do trabalho (concreto e abstrato) e da teoria marxiana do valor (quantitativo e qualitativo) na sociedade na qual impera o modo de produção capitalista, tais quais expostos por Marx n’*O Capital* (2017). Depois, com os auxílios da escola da crítica do valor (*Wertkritik*) e, especialmente, da fundamental contribuição de Manoel Bastos (2021), nos voltamos para a categoria marxiana de mais-valor relativo e a lei geral da acumulação capitalista em funcionamento. Com isso, foi possível descartar abordagens tecnodeterministas, como o são grande parte do debate ao redor do assim chamado “trabalho digital”, em prol de uma compreensão das questões em termos de “acumulação primitiva de conhecimento” (BOLAÑO, 2000), “subsunção do trabalho intelectual” e, em meio à crise do modo de produção capitalista, o par simétrico e contraditório: “intelectualização geral dos processos de trabalho” e “proletarização do trabalho intelectual” (BASTOS, 2021).

Todo esse percurso, que ainda passou por outros autores que estão, de um modo ou de outro, presentes nas elaborações da EPC (Verlane Aragão Santos, Ruy Sardinha Lopes e Alfred Sohn-Rethel, por exemplo), teve como objetivo aparar algumas arestas com o próprio subcampo, sem, porém, descartar ou julgar superadas as formulações elaboradas em especial por César Bolaño:

(...) em meio a debates sobre o intelecto geral, sobre o fim do trabalho ou o apagamento entre as esferas dele e da vida, devido ao avançar das redes comunicacionais e a subsunção das relações sociais a elas, Bolaño (2002) propõe o conceito de subsunção do trabalho intelectual para apreender a transformação pela qual o modo de produção capitalista passava naquele momento, com a configuração de uma nova revolução industrial [a Terceira – GB]. Como havia anteriormente se dedicado à compreensão da lei do valor num campo como a comunicação (BOLAÑO, 2000), o autor sintetiza o atual estado do capitalismo em termos de subsunção do trabalho intelectual, de modo a englobar variados aspectos da sociedade que vão das artes e da cultura à ciência. Este conceito dará conta de, por um lado, apontar como a ciência em si não é uma força produtiva, mas um conhecimento desenvolvido e capaz de ser aplicado, por meio da

subsunção do trabalho intelectual, tecnologicamente ao processo produtivo, tornando-se, assim, na forma da maquinaria, um meio para a reprodução ampliada do capital - sendo esta a maneira adequada de abordar a cientificização da produção. (BERNARDI, 2022, p. 29-30).

Assim, buscou-se reconhecer os conceitos desenvolvidos por César Bolaño como adequados para a compreensão das transformações pelas quais o modo de produção capitalista vinha passando desde o início dos anos 1970, com o desenvolvimento da microeletrônica e a posterior massificação da base digital como novo paradigma tecnológico. Um processo que, particularmente, com as plataformas digitais, nos últimos anos, levou à reposição no debate teórico da questão do caráter produtivo ou não da atividade dos usuários delas – um problema que o autor já havia enfrentado, de modo algo diferente, em sua tese (BOLAÑO, 2000), ainda em 1993, confrontando e superando o argumento de Dallas Smythe sobre o espectador da indústria cultural “trabalhar” em todos os momentos de sua vida.

Portanto, além de apontar para a categoria de “subsunção do trabalho intelectual” como fundamental para a apreensão de um momento no qual o capital busca a contínua e progressiva subordinação de variados aspectos da sociedade, incluindo aqui a mediatização das próprias relações interpessoais, pretendeu-se apresentar uma forma através da qual poderia ser compreendido, nessa chave de leitura, o papel da constante coleta, armazenamento e processamento de dados, não aderindo, assim, à tese que vê na atividade do usuário uma forma de “trabalho” e, portanto, extração de mais-valor:

Por outro lado, a constante coleta, armazenamento e processamento do que hoje chamados de “dados”, bem como dos desenvolvimentos para tal (a revolução microeletrônica e a massificação da base digital), pode ser apreendida quando ele [Bolaño – GB] destaca o momento de subsunção *real* do trabalho intelectual, afinal, este é um processo que, como veremos melhor ao final desta dissertação, busca constantemente algo como se autossobrecarregar e autorregular, sem a necessidade de uma reconstrução do zero ou um desenvolvimento de uma nova máquina em si. Assim, ao destacar a separação do *software* do *hardware*, ele aponta para um momento no qual se torna possível manter toda a estrutura já instalada, atualizando a parte info-comunicacional dela, promovendo uma constante renovação da máquina e melhor utilização da capacidade industrial já estabelecida. Para ser constantemente revolucionado, o processo produtivo depende sempre de nova subsunção de trabalho intelectual, para o qual a miríade de dados (uma matéria-prima bastante específica, como apresentaremos posteriormente [SRNICEK, 2016]) e informações sobre como e de que forma melhor aplicar tecnologicamente a ciência serão extremamente relevantes. (BERNARDI, 2022, p. 30, destaques do autor).

Com esse argumento, também se fez possível fugir de abordagens que conferissem à “informação” um caráter de força produtiva ou de ser ela própria valor, reforçando que, apesar de ela ter, sim, papel fundamental na concorrência intercapitalista e na disputa por mercados, ainda mais em um momento de alta concentração e centralização do capital, ela só é, de fato, incorporada ao processo produtivo e, portanto, assume a forma da maquinaria por meio da subsunção do trabalho intelectual no capital. Como, por exemplo, as atualizações/sofisticações de *softwares* dependem de uma base de dados sobre a qual um trabalhador intelectual poderia, com o perdão da redundância, trabalhar, podemos entender ao menos uma das motivações para a constante coleta, armazenamento e processamento daqueles advindos dos usuários (BERNARDI, 2022).

Desse modo, ao longo do capítulo, foi possível organizar e expôr um argumento que desse conta de compreender, através do referencial teórico da EPC, que a teoria marxiana do valor não deixara de ser fundamental para a compreensão do modo de produção capitalista e que tampouco o trabalho teria se tornado ubíquo, expandindo-se inclusive para os momentos nos quais estamos utilizando qualquer aparelho ou site que, de um modo ou de outro, captura dados. Tal compreensão só foi possível com o reconhecimento da importância da categoria de subsunção do trabalho intelectual (BOLAÑO, 2002). Também reconhecemos que, em meio à crise e à estagnação econômica no período posterior aos anos 1970, como expusemos com mais detalhamento no segundo capítulo da dissertação, mas não teremos como retomar nos limites deste trabalho, o capital buscou, como soluções para elas, formas de progressivamente se apropriar de parcelas maiores do excedente, em particular do que é distribuído como salário para a classe trabalhadora (BERNARDI, 2022).

Incapaz de superar os fundamentos da crise (GRESPLAN, 2012), com o desenvolvimento de cada vez mais sofisticados sistemas de comunicação e de informação, os quais são resultado de uma progressiva e constantes subsunção do trabalho intelectual no capital, o modo de produção capitalista interverteu as “potencialidades emancipatórias da materialização do caráter cooperativo do modo produção como uma proletarização ainda mais aguda da classe trabalhadora” (BERNARDI, 2022, p. 48) - mesmo que o trabalho desempenhado por ela possa ser classificado como intelectual. Como veremos na sequência, com a estagnação econômica e as baixas taxas de investimento e de crescimento dos últimos 50 anos (com raras exceções, sendo a China um exemplo), a ofensiva sobre a classe trabalhadora se provou uma saída, ainda que

momentânea, para empurrar a crise para a frente. Portanto, o mercado de trabalho se configurando atualmente como um crônico “subemprego” seria uma das consequências das insuficientes tentativas do capital em superar os fundamentos de seu negativo, a crise (BERNARDI, 2022).

AUTOMAÇÃO, SUBEMPREGO GLOBAL E PLATAFORMAS DIGITAIS

Como mencionamos brevemente na apresentação, entre o primeiro e o quarto capítulo da dissertação, foram expostos argumentos sobre a crise dos anos 1970 e da hegemonia estadunidense, sobre os germes visíveis do socialismo e sobre a forma e as funções do Estado, a fim de, no final do trabalho, revisar alguns estudos sobre a automação, a situação global do mercado de trabalho e as plataformas digitais. Em um primeiro momento, revisamos um estudo pioneiro, ainda que pouco ou quase não lido nos debates atuais, sobre a automação. Ele foi escrito pelo frankfurtiano Friedrich Pollock (1957) nos anos 1950, quando o processo ainda estava em sua infância, analisando a introdução dela nos Estados Unidos, considerado por ele o caso “clássico”, assim como a Inglaterra o havia sido da Revolução Industrial (BERNARDI, 2022).

Além de se embrenhar e criticar uma série de argumentos que persistem até hoje – desde questões envolvendo uma teoria da compensação na destruição e criação de postos de trabalho até outras relativas ao desemprego tecnológico, à necessária redução da jornada e a formas de mitigar consequências sociais mais nefastas, como a ascensão de governos autocráticos/tecnocráticos – o autor apresentou uma definição, ainda que ele reconheça a possível inadequação dela, do que seria a automação:

A automação é uma técnica de produção industrial combinada com um método de processamento de dados, introduzida desde a segunda Guerra Mundial. Com o auxílio das técnicas e dispositivos mais avançados - mas com certas limitações econômicas - este método de produção tenta desempenhar por meio do maquinário todas as funções até então desempenhadas pelos seres humanos. As máquinas são 'controladas' por máquinas. (POLLOCK, 1957, p. 108, destaques do autor, tradução nossa).³

³ Automation is a technique of industrial production, combined with a method of processing data, introduced since the second World War. With the aid of the most advanced techniques and devices - but with certain economic limitations - this method of production attempts to perform by machinery all the functions hitherto performed by human beings. The machines are 'controlled' by machines. (POLLOCK, 1957, p. 108).

Importante destacar que, já no estudo do autor sobre o início da automação, o “processamento de dados” aparece como revelante para uma série de aspectos que vão desde o cálculo logístico e organizacional da produção até a contabilidade e previsão de gastos e possíveis lucros futuros, os quais orientarão os investimentos nessa nova técnica. Além disso, é preciso destacar que a construção e o desenvolvimento tanto das máquinas controladas quanto das controladoras, bem como suas eventuais atualizações e mudanças nos sistemas operacionais, são processos que podem ser apreendidos pela categoria de “subsunção do trabalho intelectual” (BOLAÑO, 2002), tal qual defendemos neste trabalho (BERNARDI, 2022).

Como não teremos como revisar toda a explicação e nem expôr as variadas consequências sociais as quais ele se refere, sendo elas passíveis de serem vistas tanto no livro quanto na dissertação, nos cabe destacar aqui, seja para o próprio artigo ou para futuros estudos na área da comunicação, algumas breves considerações apresentadas a partir do estudo dele: 1) o computador eletrônico é o marco desta nova técnica de produção industrial, afinal, é ele que possibilita o controle de uma máquina por outra; 2) como não é adequado supor que haverá uma compensação no mercado de trabalho, a introdução de máquinas automáticas progressivamente levará a um cada vez maior descompasso entre o emprego de trabalhadores e a quantidade de produto final, assim, haverá a necessidade tanto de se debater a redução de jornada de trabalho e alguma forma de “subsídio”, “renda” ou “auxílio” para os trabalhadores permanentemente deslocados do mercado quanto do desenvolvimento de algo como uma “indústria cultural” (ele não chega a usar esse termo, mas é uma importante referência para Adorno [1985], um dos formuladores do conceito), para “ocupar” o tempo liberado do trabalho; e 3) a automação é introduzida inclusive em meio a crises, como forma de se livrar de alguma resistência da parte da classe trabalhadora e/ou de, calculando os lucros e cenários futuros, baratear a produção individual de mercadorias e, assim, possibilitar que, em meio à concorrência intercapitalista, os capitais assegurem mercados, disputem outros ou levem seus concorrentes à falência (BERNARDI, 2022).

Na sequência da extensa revisão feita do estudo de Pollock, nos voltamos para dois autores mais atuais, Aaron Benanav (2020) e Nick Srnicek (2016), tanto por entendermos que eles sumarizam bem os recentes debates sobre, respectivamente, automação e plataformas digitais quanto por partirem da tese de Robert Brenner (2006),

que também foi utilizado na dissertação, a respeito da longa estagnação econômica que assola o mundo há cinco décadas (BERNARDI, 2022).

Brevemente, Brenner (2006) argumenta que, desde os anos 1970, o baixo nível de crescimento global e das taxas de investimento se deve à não superação dos fundamentos daquela crise inicial, que ele classifica como de superprodução e supercapacidade industrial. Ela teria irrompido devido a uma inundação de mercadorias resultante de quase trinta anos de altas taxas de lucro, crescimento, investimento e expansão do mercado mundial, puxadas pelos Estados Unidos e pelos processos de *catch up* japonês e alemão no pós-Segunda Guerra Mundial (os já referidos anos de “ouro” do capitalismo). Visto que tal ritmo expansivo não poderia ser mantido indefinidamente (por limites tanto internos ao capital quanto “externos”, se se pensar na questão ecológica), a certo ponto, ali na já referida década, as mercadorias não puderam mais ser consumidas na mesma velocidade e quantidade que eram produzidas. Assim, irrompeu uma crise de superprodução e supercapacidade industrial estalada, as taxas de lucro caíram e levaram a consequentes quedas nos investimentos e no crescimento global como um todo.

Como apresentamos anteriormente, em vez de uma solução saneadora (algo impossível da parte do capital, é bem verdade), os diversos capitais reagiram com, a fim de sumarização, a reestruturação produtiva, investindo na transferência de partes dos processos produtivos para locais com mão de obra mais barata e na racionalização de outras, e a ofensiva neoliberal sobre a classe trabalhadora, ou seja, redução dos salários, flexibilização de direitos e ataques às formas organizativas da classe, objetivando, assim, recompôr suas taxas de lucro e acumular mais do excedente produzido (BERNARDI, 2022).

Nessa toada, Benanav (2020) confronta o argumento bastante difundido de que o atual estado do mercado de trabalho global seria resultado de uma particularmente rápida introdução da automação. Para ele, não há dados que comprovem essa tese, já que as taxas de crescimento e de investimento estão mais baixas, por exemplo, do que as vistas no período pós-Segunda Guerra Mundial. Assim, deveríamos observar que, na verdade, mesmo com uma relativamente lenta introdução da automação, em um cenário de estagnação econômica como o nosso, estão sendo criadas menos vagas do que são destruídas. Além disso, a forma de manifestação desse problema não é como um desemprego massivo (*mass unemployment*), mas um subemprego (*underemployment*) global, que é de muito mais difícil mensuração em pesquisas, vale mencionar, ou seja, as

peças estão empregadas em postos nos quais recebem abaixo do necessário para viver, trabalham menos horas do que poderiam/gostariam ou ainda realizam tarefas para as quais são “superqualificadas” (BERNARDI, 2022).

Assim, depois de crises e recuperações sem empregos, a grande dificuldade para os trabalhadores é encontrar um tipo de trabalho equivalente ao que tinha antes, assumindo vagas com características como remuneração abaixo do necessário para sobrevivência ou para as quais são superqualificados (por exemplo, um pós-graduado empregado em um local que requer apenas ensino médio). Além disso, o cenário do mercado de trabalho é ele próprio desestimulante, sendo ainda piorado pelos governos que, ao invés de promoverem políticas de emprego, reduzem o acesso a benefícios, de modo a empurrar os desempregados para qualquer vaga que surgir, mesmo que com baixo salário e péssimas condições de trabalho. (BERNARDI, 2022, p. 181).

Como a crise de superprodução e supercapacidade que irrompeu nos longínquos anos 1970 não foi superada, mas agudizada, pela sofisticação e constante melhora e reestruturação dos processos produtivos, estaríamos vivendo um período no qual, diferentemente do pós-Guerra (importante sempre lembrar do peso da existência naquele momento da URSS, uma potência que representava uma alternativa ao modelo capitalista), quando às altas taxas de lucro, investimento e crescimento correspondiam realocações de pessoas para postos mais qualificados ou com melhores condições de trabalho e remuneração, os trabalhadores estariam sendo reenquadrados, em sua maioria, para baixo, acumulando instabilidade, péssimos salários e inóspitos ambientes. Um movimento inverso ao visto nos anos de “ouro” (BERNARDI, 2022).

Dando um último passo na exposição dos argumentos elaborados na dissertação, Nick Srnicek (2016) argumenta que, em meio às tentativas de superação da crise de superprodução e supercapacidade, tanto empresas quanto governos tomaram medidas que, de um modo ou de outro, jogaram a conta nas costas da classe trabalhadora. Assim, ele destaca que é preciso compreender a ascensão das plataformas como um processo que tem início nos anos 1970, com as empresas dos EUA copiando os modelos mais enxutos de suas concorrentes, ou seja, terceirizando e transferindo para fornecedores tudo que pudessem, passa pelo frenesi, antes da explosão da bolha do “pontocom”, com relação às empresas ligadas à internet nos anos 1990 – um que garantiu que elas recebessem muito capital de risco e fossem feitos massivos investimentos na infraestrutura que as plataformas utilizariam –, até chegar às respostas dadas à crise de 2008, como as medidas de flexibilização financeira adotadas pelos países centrais. Por meio de uma política como o *quantitative easing*, basicamente, uma forma de imprimir dinheiro e aumentar o crédito

no mercado, somada à baixas taxas de juro, a alta disponibilidade para empréstimos fez com que tanto os investidores injetassem dinheiro em negócios mais arriscado, visando um possível maior lucro futuro, quanto as próprias empresas se endividassem, seja como forma de comprar concorrentes, de expandir suas operações ou de não pagar impostos (BERNARDI, 2022).

Para finalizar a conjuntura adequada para a ascensão das plataformas, ainda falta um elemento: o trabalho. De maneira ligeiramente diferente de Benanav (2020), mas chegando às mesmas conclusões, especialmente no que tange à necessidade de aceitar qualquer trabalho disponível, Srnicek (2016) diz que, após o colapso da URSS, pode ser vista tanto uma tendência estrutural à maior proletarização quanto ao crescimento da superpopulação relativa. Muitas das pessoas hoje recebem algum tipo de renda/salário por meio de um trabalho precário ou informal, algo que piorou com a crise de 2008, aumentando ambos desemprego e subemprego (termo que o autor não emprega). Mesmo com essa piora generalizada para os trabalhadores, após a crise deflagrada pela explosão do mercado imobiliário, surgiram uma série de novos termos, além da automação, para designar o que seria o atual momento de recuperação e mudança estrutural do capitalismo: a economia de bicos (*gig*), do compartilhamento (*sharing*), da vigilância (*surveillance*), dos aplicativos (*apps*), da atenção (*attention*) ou até uma nova revolução industrial (*the next industrial revolution*) (SRNICEK, 2016, p. 28). (BERNARDI, 2022, p. 192).

Assim, para o autor, a fim de compreender essa nova “economia”, é preciso entender o fundamental papel dos “dados” na organização e na própria existência dessas empresas, afinal, é através deles que, por meio da subsunção do trabalho intelectual, vale ressaltar, será possível tanto desenvolver quanto sofisticar algoritmos, melhorar sistemas para gestão, organização e controle do trabalho e dos trabalhadores, além de pensar em futuros desenvolvimentos relativos a novas máquinas e aplicativos ou mesmo avanços na inteligência artificial e no aprendizado de máquina. Nesse cenário, as plataformas se mostraram o melhor modelo de negócio para aproveitar ao máximo os potenciais dos dados capturados. O autor as define assim:

No nível mais geral, as plataformas são infraestruturas digitais que permitem que dois ou mais grupos interajam. Portanto, posicionam-se como intermediários que reúnem diferentes usuários: clientes, anunciantes, prestadores de serviços, produtores, fornecedores e até objetos físicos. Na maioria das vezes, essas plataformas também vêm com uma série de ferramentas que permitem que seus usuários criem seus próprios produtos, serviços e mercados. (SRNICEK, 2016, p. 31, tradução nossa).⁴

⁴ At the most general level, platforms are digital infrastructures that enable two or more groups to interact. They therefore position themselves as intermediaries that bring together different users: customers, advertisers, service providers, producers, suppliers, and even physical objects. More often than not, these

Visto que elas já são o melhor modelo, tanto elas oferecem os meios para a criação de novas empresas e postos ou para uma constante reestruturação produtiva e racionalização dos processos de trabalho já existentes quanto, especialmente, no caso dos grandes monopólios (Google, Amazon, Facebook, Microsoft, Apple), buscam se expandir para variadas áreas e ofertar diversos produtos e serviços, a fim de coletar ainda mais dados e/ou impedir que um possível concorrente o faça (BERNARDI, 2022).

Além disso, em meio aos problemas estruturais do mercado de trabalho, é por meio de plataformas (além das já citadas, vale mencionar outras como Uber, Ifood e afins) que tanto se terceirizam ou automatizam algumas funções quanto se subempregam trabalhadores que não encontram postos formais e/ou com melhores condições salariais e de trabalho, estabelecendo, de certo modo, um mercado de trabalho em concorrência mundial, já que elas expandem seus tentáculos para todas as áreas do globo – o que, para a grande parte dos trabalhadores, representa uma corrida ao fundo do poço. Ou seja, pode-se compreender o crônico subemprego como uma consequência dos insuperados fundamentos que levaram à irrupção daquela crise dos anos 1970 e que persistem até hoje; ou, melhor, dos fundamentos que persistirão enquanto perdurar o modo de produção capitalista. Essas plataformas coletam os dados tanto dos usuários quanto dos eventuais trabalhadores, visando um progressivo melhoramento de seu próprio funcionamento e possibilitando que, por meio da subsunção do trabalho intelectual, tenham seus *softwares*, algoritmos, serviços ou mesmo sua estrutura revolucionada, bem como sejam criados novos produtos (BERNARDI, 2022). Há ainda, evidentemente, outras questões que foram expostas e exploradas de maneira muito mais detalhada na dissertação, porém, como dissemos na apresentação, não teremos condições de recuperar neste momento.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

BASTOS, Manoel Dourado. Elementos para uma abordagem dialética da digitalização das TICs a partir da teoria do valor de Marx. In: ALVES, Giovanni. (Org.). **Trabalho e valor: o novo (e precário) mundo do trabalho no século XXI**. Marília: Projeto Editorial Praxis, 2021.

platforms also come with a series of tools that enable their users to build their own products, services, and marketplaces. (SRNICEK, 2016, p. 31).

BERNARDI, Guilherme. **Informação, comunicação e crise do capital: as transformações na divisão do trabalho observadas a partir da Economia Política da Comunicação.** 2022. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2022.

_____. Trabalho Gratuito nas Redes: Os Usuários a Serviço do Capital. **41º Intercom - Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.** 2018a. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1833-1.pdf>. Acesso em 18 jul. 2022.

_____. **A Regulação econômica da internet em tempos de crise.** 58 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo – Universidade Estadual de Londrina, 2018b.

BENANAV, Aaron. **Automation and the Future of Work.** Londres: Verso, 2020

BOLAÑO, César. **Indústria cultural: informação e capitalismo.** São Paulo: Hucitec/Pólis, 2000.

_____. Trabalho Intelectual, Comunicação e Capitalismo. A Reconfiguração do Fator Subjetivo na Atual Reestruturação Produtiva. **Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política.** n. 11, pp. 53-78, 2002. Disponível em: <http://eptic.com.br/wpcontent/uploads/2020/06/Trabalho-intelectual-comunica%C3%A7%C3%A3o-e-capitalismoBola%CB1o.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2020.

BRENNER, Robert. **The Economics of Global Turbulence: The Advanced Capitalist Economies from Long Boom to Long Downturn, 1945-2005.** Londres: Verso Books, 2006.

ELSON, Diane. The value theory of labour. In: _____. **Value: The representation of labour in capitalism.** Londres: Verso, 2015.

GRESPLAN, Jorge. **O negativo do capital: o conceito de crise na crítica de Marx à economia política.** São Paulo: Expressão Popular, 2012.

LOPES, Ruy Sardinha. **Informação, Conhecimento e Valor.** São Paulo: Radical Livros, 2008.

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da Economia Política.** Livro I: O processo de produção do capital. 2a. Ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

POLLOCK, Friedrich. **Automation: a study of its economic and social consequences.** Nova Iorque: Frederick A. Praeger, 1957.

RUBIN, Isaak. **A teoria marxista do valor.** São Paulo: Polis, 1987.

SANTOS, Verlane Aragão. **Reestruturação capitalista e mundo do trabalho nas telecomunicações brasileiras: a firma rede e as novas configurações do trabalho Serviço**

Telefônico Fixo Comutado de São Paulo. 2007. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Econômico) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

SRNICEK, Nick. **Platform capitalism**. Cambridge: Polity Press, 2016.